

FAZER VIVER A LINHA DO PARTIDO EM CADA TRABALHADOR

SAMORA MACHEL



9

coleção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

Colin Darch

SAMORA MOISÉS MACHEL

FAZER VIVER A LINHA DO PARTIDO EM CADA TRABALHADOR

9

colecção

«PALAVRAS DE ORDEM»

EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

INTRODUÇÃO

O Departamento do Trabalho Ideológico do Partido edita em brochura, o importante discurso proferido pelo Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Camarada Samora Moisés Machel, por ocasião do 1.º de Maio de 1979.

Falando na Praça da Independência em Maputo, perante centenas de milhares de trabalhadores, o Camarada Presidente exortou os trabalhadores moçambicanos — em particular a classe operária e os camponeses organizados nas aldeias comunais e nas cooperativas agrícolas — a assumirem o seu papel histórico na edificação do socialismo no nosso país.

Neste discurso, o Camarada Presidente faz um balanço rigoroso das nossas vitórias e das dificuldades que ainda enfrentamos e traça-nos orientações, abordando muitos e variados temas, como a questão do abastecimento, da alienação cultural, da religião, da vigilância, do internacionalismo, e outros.

Este texto deve ser por isso objecto de um estudo profundo. Lê-lo atentamente, organizar o seu debate nas estruturas de base do Partido FRELIMO, interiorizar a sua análise e orientações, é dotarmo-nos com mais uma arma para travarmos vitoriosamente a presente fase do longo mas exaltante combate do nosso Povo pela sua libertação total.

Maputo, Maio de 1979

Em todo o nosso território festeja-se hoje o 1.º de Maio. Na República Popular de Moçambique, o 1.º de Maio é a grande festa dos trabalhadores, dos oprimidos, esses oprimidos que souberam fazer da opressão, da discriminação, da humilhação, do sofrimento, fonte de inspiração para o nosso combate pelo socialismo.

Operários, camponeses, soldados, professores, trabalhadores da Saúde, pescadores, intelectuais revolucionários, trabalhadores da Função Pública, estudantes e toda a grande família dos trabalhadores moçambicanos celebram esta data no território independente da República Popular de Moçambique, parte da zona libertada da Humanidade.

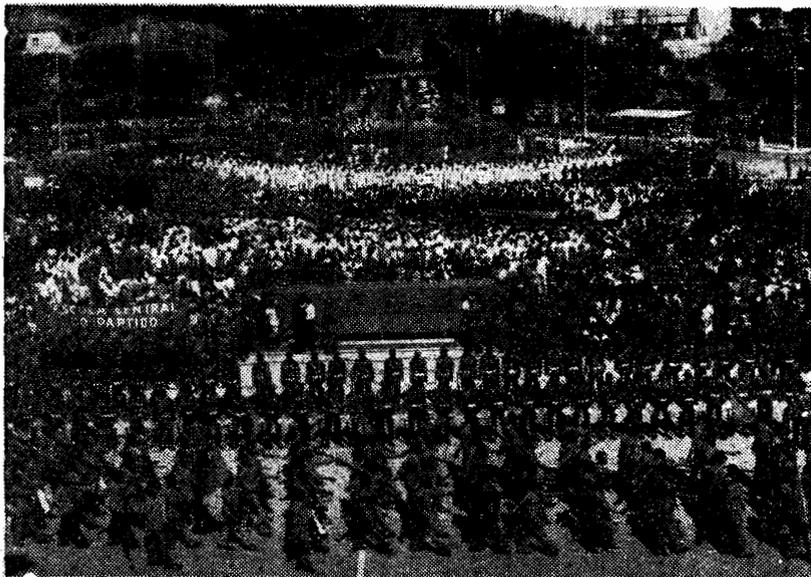
PORQUE FESTEJAMOS O 1.º DE MAIO

Nós festejamos o 1.º de Maio porque somos um Povo que conquistou a sua independência. Somos um Povo que consentiu sacrifícios, aceitou derramar o sangue para conquistar a liberdade.

Festejamos o 1.º de Maio porque os trabalhadores moçambicanos conquistaram o poder. Porque recuperámos a nossa dignidade, recuperámos a nossa personalidade.

Festejamos o 1.º de Maio porque a aliança operário-camponesa dirige a nossa sociedade.

No 1.º de Maio, erguemos com orgulho as nossas enxadas, as nossas foices, os nossos martelos, os nossos livros, as nossas espingardas. Acarinhámos as nossas charruas, as nossas máquinas, as nossas armas. Empunhamos com firmeza e determinação estas armas decisivas da nossa luta pela construção do Socialismo, pela liquidação definitiva da miséria, da ignorância, da superstição e de todos os males da sociedade colonial-capitalista.



Dezenas de milhar de trabalhadores moçambicanos participaram nas comemorações do 1.º de Maio, em todo o País, durante as quais reafirmaram a sua determinação de construir o Socialismo. Na gravura, um aspecto do desfile na Praça da Independência, em Maputo

As nossas armas são as armas de todos os trabalhadores do mundo, com quem estamos unidos e solidários na mesma trincheira, na mesma luta contra a exploração.

Durante o colonialismo, os nossos trabalhadores não eram considerados seres humanos. Eram considerados simples animais de carga. A classe operária era ignorada, era desprezada, era seduzida pela corrupção, era combatida, era destruída. O colonialismo tomava medidas para impedir

que o nosso operário, os nossos trabalhadores ganhassem a consciência da sua classe.

Durante o colonialismo não podíamos festejar o 1.º de Maio porque éramos um Povo dominado, éramos um Povo oprimido, éramos um Povo escravo. No entanto, éramos obrigados a celebrar o dia 10 de Junho—Dia da Raça—, éramos obrigados a festejar o dia 5 de Outubro—Dia de uma República que não é a nossa.

Hoje somos independentes, celebramos em liberdade e com dignidade as nossas datas históricas nacionais, celebramos em liberdade o Dia Internacional dos Trabalhadores. Portanto, festejar o 1.º de Maio é para nós uma conquista e, sendo parte da Revolução Mundial, é parte da nossa Revolução.

PORQUE OUTROS POVOS NÃO FESTEJAM O 1.º DE MAIO

Em Moçambique, como em todos os países que constroem o Socialismo, o 1.º de Maio é a festa dos trabalhadores. Mas, nos países capitalistas, os trabalhadores não podem comemorar o 1.º de Maio, ou só o fazem debaixo da repressão violenta dos exploradores, dos patrões que não conseguem viver senão do sangue, do suor e da vida de seres humanos.

Nos países capitalistas o 1.º de Maio é ainda sangue dos trabalhadores a ser vertido. Nesses países, o 1.º de Maio conserva ainda a natureza de luta aberta contra a repressão que teve o 1.º de Maio de 1886, quando os operários de Chicago foram massacrados pela polícia ao serviço do capitalismo.

Ao nosso lado, junto das nossas fronteiras, os trabalhadores do Zimbábwe, da África do Sul e da Namíbia, não festejam na alegria da liberdade o seu dia internacional. Eles ainda lutam contra o colonialismo, contra o racismo, contra o apartheid contra regimes desumanos e retrógrados.

Por isso, o 1.º de Maio é também uma jornada de solidariedade para com os trabalhadores explorados, oprimidos, humilhados, discriminados, diariamente assassinados, em muitos países do mundo.

À NATUREZA DO 1.º DE MAIO NA REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE

No dia 1.º de Maio exaltamos na República Popular de Moçambique as nossas conquistas, conquistas dos trabalhadores moçambicanos, o resultado da sua inteligência, o resultado da sua determinação, o resultado da sua coragem, o resultado da sua energia criadora, o produto das suas mãos, dos dez dedos em volta do cabo da enxada, do volante do tractor, da máquina, do instrumento de precisão.

Mas, para nós, o 1.º de Maio é também um dia de reflexão. Um dia em que fazemos o balanço do nosso trabalho. Um dia em que perguntamos quais foram as nossas realizações, quais são as nossas perspectivas, quais são os nossos planos.

Para nós, o 1.º de Maio é um dia em que reflectimos sobre o caminho que já percorremos e o caminho que vamos percorrer na agricultura, na indústria, na saúde, na educação, na construção civil, nos abastecimentos, na organização da nossa vida, na construção do nosso progresso, na edificação do nosso bem-estar, em resumo, na construção do socialismo.

O 1.º de Maio é momento também para reflectirmos sobre as nossas dificuldades e para aprofundarmos as razões da acção do inimigo.

ALGUMAS DAS NOSSAS REALIZAÇÕES

Os trabalhadores moçambicanos já sentem o que significa realmente a independência. E sentem a independência porque já podem ir à escola, podem ir ao hospital quando estão doentes, podem viver em casas melhores, podem comprar

mais do que compravam antes, podem já vestir e calçar melhor os seus filhos. Para os trabalhadores moçambicanos; isto representa progresso, constitui melhoria das suas condições de vida.

Mas há aqueles que não sabem medir o nosso progresso, que não têm olhos para ver o que avançámos desde o dia 25 de Junho de 1975. Para esses não há avanços, não há realizações, não há conquistas.

Nos primeiros anos de independência, a nossa preocupação era solucionar os problemas imediatos, bloquear a sabotagem económica, impermeabilizarmo-nos contra a infiltração do inimigo, quer a infiltração física, quer a infiltração mais subtil e perigosa, do veneno das suas ideias e dos seus vícios.

O nosso problema nos primeiros anos de independência era liquidar a indisciplina generalizada nas fábricas, nas escolas, nos hospitais, nos mercados, nos escritórios. Liquidar o individualismo. Liquidar o burocratismo. Liquidar as heranças deixadas pelo colonialismo ao nível do comportamento, das relações e métodos de trabalho.

Agora estamos mais organizados. Sentimos que começamos a avançar em muitos campos. Começamos já a lançar os grandes projectos de desenvolvimento em todo o nosso País, o que aumentará a produção e dará emprego a milhares de pessoas. Nomeadamente, referimos o projecto agrícola de Chokwé, a criação de fábricas de tecidos em mais três províncias, a edificação de fábricas de alfaías agrícolas e de montagem de tractores e camiões.

Neste ano, o consumo interno do açúcar vai ser o maior de sempre: cento e cinquenta mil toneladas. Isto significa um aumento de quarenta mil toneladas em relação ao ano passado. Isto é o resultado da intervenção recente do Estado na Sena Sugar Estates e de anteriores intervenções do Estado em outras empresas açucareiras, onde a produção e a produtividade aumentaram.

Temos grandes projectos agrícolas para todas as províncias, para produzirmos mais cereais, oleaginosas, frutos, e criarmos gado.

Para a realização destes projectos, os países socialistas, nossos aliados naturais, países onde foi liquidada a fome, a miséria, a ignorância e o desemprego, têm-nos fornecido uma ajuda decisiva.

Enviam-nos técnicos para os diversos sectores da nossa economia. É com o seu apoio que o nosso País tem hoje mais médicos do que em qualquer outro período.

Os detractores do nosso processo revolucionário dizem que esses médicos são maus. A verdade é que, com eles, garantimos hoje uma assistência sanitária melhor, cobrimos todas as regiões do nosso País, conseguimos fazer baixar extraordinariamente a mortalidade infantil.

Os países socialistas enviam-nos meios de transporte. Estarão aí os detractores a dizer que os camiões *IFA* são maus, que eles se viram com facilidade, que os machimbombos *IKARUS* não prestam. Vamos montar uma fábrica de alfaias agrícolas com o apoio técnico de países socialistas. Os detractores vão dizer que se trata de «tecnologia atrasada». A verdade é que não é a tecnologia que eles atacam com estas afirmações. Atacam o socialismo. Para eles só o capitalismo é bom, só o capitalismo produz boas coisas.

Mas os meios que nós recebemos dos países socialistas são aqueles que, nesses países foram utilizados para liquidar a fome, a miséria, a ignorância e o desemprego, que continuam a existir nos países capitalistas. Por isso, nós valorizamos o apoio fraternal que os países socialistas nos fornecem, sabemos que podemos contar com eles para construirmos o progresso no nosso País.

Mas a edificação do nosso progresso exige tempo. Não se constrói uma casa num dia. Para construir a casa, é preciso planeá-la, cortar capim, cortar estacas, fazer cordas a partir das folhas de palmeira, recolher terra, juntar água e maticar a casa. Quando plantamos uma árvore, não esperamos colher frutos no dia seguinte.

Hoje, quatro anos após a Independência, podemos colher apenas alguns frutos.

As escolas secundárias, que em 1974 eram frequentadas por trinta e três mil alunos, muitos deles filhos de colonos,

hoje são frequentadas por oitenta e dois mil alunos, filhos de trabalhadores moçambicanos.

Em 1974, quando o Governo de Transição tomou posse, a então Universidade de Lourenço Marques tinha quatro mil e quinhentos alunos. Desses só quarenta eram moçambicanos, e muitos eram trabalhadores que estudavam à noite. Hoje temos na Universidade Eduardo Mondlane centenas de alunos moçambicanos.



Ao fazer o balanço das conquistas do Povo Moçambicano nestes 4 anos de Independência, o Camarada Presidente destacou os grandes avanços alcançados na Saúde. A Campanha Nacional de Vacinações, que permitiu já salvar milhares de vidas, foi um dos grandes sucessos da política sanitária do nosso Partido FRELIMO

No tempo colonial morriam anualmente vinte e cinco mil crianças de sarampo. No ano passado em todo o País, só houve cento e dez casos mortais de sarampo.

Na campanha de alfabetização, no ano passado, participaram cento e trinta mil pessoas.

Nos serviços de transportes públicos, no ano passado, entraram em funcionamento cinquenta novos machimbombos de duzentos lugares. Hoje constatamos que os seus condutores, demonstrando elevada consciência política, valorizam estas aquisições, mantendo os machimbombos em bom estado e não provocando acidentes.

Generalizadamente, constatamos que o Povo moçambicano aprende pelo seu próprio esforço a trabalhar melhor, liberta a sua capacidade de invenção e de iniciativa criadora. Entre outros casos, podemos citar os trabalhadores da CIFEL que neste ano conseguiram descobrir e pôr em prática uma forma de produzir rolos que nos faziam falta para as fábricas de açúcar. Podemos citar os trabalhadores da MARAGRA que inventaram e construíram uma máquina para melhorar a produção de açúcar. Afirmamos com orgulho que todo o equipamento de castanha de caju é já fabricado em Moçambique.

Isto significa que começamos a dar passos firmes com as nossas próprias pernas.

AINDA ENFRENTAMOS DIFICULDADES

Todos devemos preocupar-nos com as dificuldades que enfrentamos. Uma das principais dificuldades são as bichas para a compra de produtos essenciais. Temos ainda bichas no nosso País: bichas para a compra do pão, da carne, do leite e do arroz.

Ao analisarmos esta questão, devemos perguntar, em primeiro lugar, porque não estavam os trabalhadores moçambicanos na bicha para a compra de carne, no tempo colonial? Porque não estavam na bicha para a compra de leite fresco?

Todos nós, a memória colectiva dos trabalhadores moçambicanos, conhecemos bem a resposta, recordamos o que ainda recentemente sofriamos.

Não estávamos na bicha para a carne, porque éramos discriminados, porque os talhos eram para os colonos. Não estávamos na bicha para o leite fresco, porque as leitarias

eram para os colonos. Não estávamos na bicha para o pão fresco, porque não o podíamos comprar.

Quem comia carne de primeira e de segunda no tempo colonial? Quem podia beber leite fresco? Quem podia entrar nos supermercados e nas mercearias?

Quem não se lembra de que, por não ter dinheiro suficiente para comprar pão fresco, ia comprar mais barato o pão duro das sobras da padaria?

Quem não se lembra de que só alguns moçambicanos, e só aos sábados, conseguiam comprar alguma carne de terceira — mais ossos do que carne?

Quem não se lembra de que, aquilo que ia do matadouro da então cidade de Lourenço Marques para a população moçambicana eram apenas as tripas? Quem não se lembra das tripas carregadas por um burro, que ia por carreiros (não podia passar pelas ruas, porque os colonialistas não gostavam do cheiro daquilo que reservavam para nós comer-mos) para serem vendidas nos subúrbios, já em estado de decomposição? Quem não se lembra de ter de cozer muito as tripas, de ter de tirar a espuma que resulta de cozer uma coisa já meio podre, de ter de carregar essa comida com pipiriri, para disfarçar o sabor e beber muita água para encher o estômago?

Hoje já não somos discriminados. Podemos ir comprar a qualquer lugar, em qualquer loja, os produtos que necessitamos. Hoje, a generalidade dos trabalhadores moçambicanos tem maior poder de compra, pode comprar mais do que comprava antes. Por isso, muitas bichas são o resultado da rapidez do nosso crescimento.

Noutros casos, porém, as bichas resultam de dificuldades de escoamento dos nossos produtos e de dificuldades de comercialização.

Os canais de comercialização estavam nas mãos dos colonos. A sua fuga maciça fez praticamente desaparecer esses canais, que temos estado a refazer em novos moldes, de acordo com as nossas necessidades. Temos também dificuldades, porque os moçambicanos não têm experiência de comércio — ele era reservado aos colonos.

Com a criação e a entrada em funcionamento do Ministério do Comércio Interno, estamos já a melhorar a nossa organização neste sector.

Mas há também casos de bichas provocadas pela desorganização e pela baixa consciência de certos trabalhadores. É o caso das padarias e dos talhos, que estão a abrir as suas portas só às 7.00 horas da manhã, enquanto as pessoas começam a ir comprar carne e pão antes dessa hora e são por isso obrigadas a formar grandes bichas. Também nas padarias e nos talhos, encontramos atitudes de descortesia e de arrogância dos seus empregados: constatamos que alguns empregados se aproveitam da sua posição para corromperem mulheres casadas e jovens.

Por isso, determinamos que, a partir de agora, os talhos e as padarias devem abrir ao público às 4.30 horas da manhã, que nas padarias se trabalhe nos turnos da noite, para que haja pão fresco de manhã, antes de os trabalhadores se deslocarem para os seus locais de trabalho.

O Povo deve exigir dos empregados das padarias e dos talhos, e dos empregados de todas as lojas em geral, uma atitude correcta e cortês. Deve combater a corrupção acentuando a sua vigilância.

Vimos algumas causas da existência de bichas, como, por um lado, a rapidez do nosso crescimento e, por outro, insuficiências nossas e problemas de organização. Todavia, a solução definitiva do problema das bichas passa necessariamente pelo aumento contínuo da nossa produção, pela elevação permanente da nossa produtividade, nos vários sectores de trabalho. Precisamos de produzir mais chá, mais caju, mais açúcar, mais carvão, mais camarão, mais copra, para exportarmos. Precisamos de produzir mais arroz, mais milho, mais algodão, mais amendoim, mais girassol, para sermos auto-suficientes e não termos de gastar divisas a importar aquilo que podemos já produzir internamente para as nossas necessidades. Assim, obteremos divisas para comprar o que não podemos produzir em Moçambique, especialmente instrumentos de produção para construirmos mais fábricas.

Com mais fábricas muitos trabalhadores que estão desempregados passarão a ter trabalho. Mas não podemos esperar pelas fábricas para resolver o problema dos desempregados.

À volta das nossas cidades, os desempregados que nelas vivem devem participar na criação de zonas verdes para produzirem verduras, frutas, coelhos, galinhas, patos, perus, ovos, para alimentar a cidade. Nessa actividade terão apoio do Estado.

RAZÕES DOS NOSSOS AVANÇOS

Podemos dizer com toda a firmeza que avançámos. Podemos dizer que criámos bases sólidas em Moçambique para avançarmos mais e mais na construção do Socialismo.

Avançamos porquê? Conseguimos estas realizações porquê? Primeiro, porque fomos capazes de organizar a nossa força dirigente, o Partido FRELIMO. Os trabalhadores moçambicanos assumiram que estruturar o Partido significa melhor organizar a nossa vida, assumiram a importância do Partido. Engajaram-se com a determinação e elevada consciência política na Campanha Nacional de Estruturação do Partido.

Segundo, porque consolidámos o nosso Estado. Criámos as novas estruturas do Estado de Democracia Popular, estruturas que materializam o poder das classes trabalhadoras, nomeadamente a Assembleia Popular, as Assembleias do Povo, os Conselhos Executivos, os Tribunais Populares. Estas estruturas são grandes conquistas nossas, são instrumentos das classes trabalhadoras. São estruturas que devemos consolidar ainda mais.

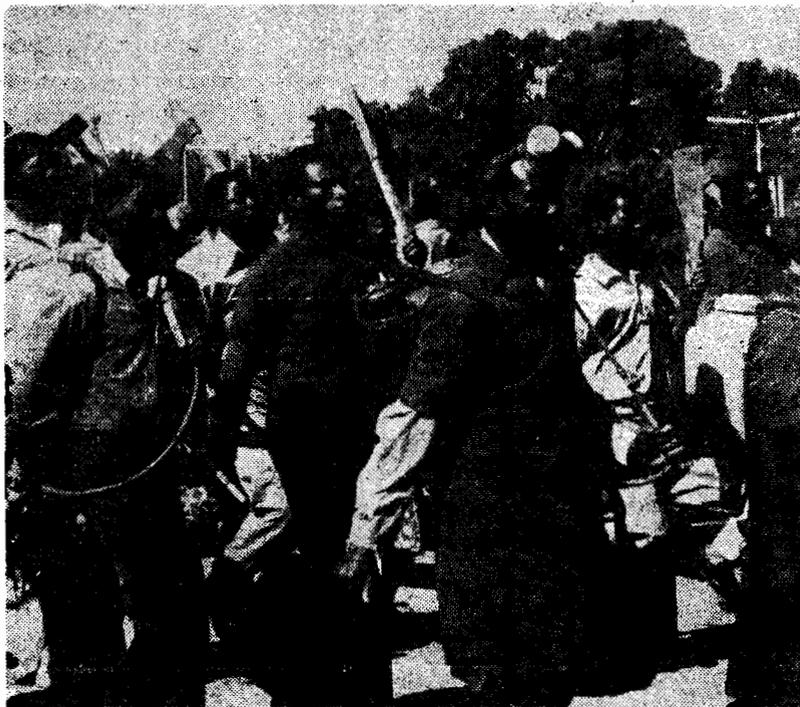
Com a implementação das decisões da Reunião Nacional das Cidades e Bairros Comuns, o nosso Povo elevará o seu nível de organização.

Através do Estado, os trabalhadores moçambicanos impõem os seus interesses, defendem as suas conquistas, garan-

tem a realização das suas aspirações, reprimem os seus inimigos de classe.

Neste último aspecto, obtivemos uma importante vitória identificando aqueles que estiveram ao serviço das estruturas repressivas e ideológicas do colonial-fascismo: os PIDEs, GEs, GEPs, OPVs, ANPs, etc. A sua identificação nos locais de trabalho permite exercer sobre eles a vigilância popular e permite também que os recuperáveis iniciem o combate para se libertarem dos compromissos com o colonial-fascismo.

Terceiro, porque avançámos na organização da classe operária e do campesinato. No impressionante desfile a que acabámos de assistir e aplaudir, podemos constatar a força e organização crescente das classes trabalhadoras moçambicanas.



O campesinato, principal aliado da classe operária na edificação do Socialismo, participou massivamente nas comemorações do 1.º de Maio

Nas aldeias comunais, os camponeses constroem uma nova vida no campo. As aldeias comunais são as futuras cidades. Elas começaram já a modificar e modificarão totalmente a face do nosso País. Elas permitirão que a escola, os hospitais, a electricidade, a água, o gás estejam ao alcance de todo o nosso Povo.

Nas cooperativas, o campesinato une-se em novas relações de trabalho. Aprende que do trabalho colectivo nasce mais riqueza do que do trabalho individual. Eleva a sua consciência política e reforça a sua unidade.

Do suor colectivo nasce mais produção, com o suor colectivo reforça-se a consciência da nossa unidade nacional, nasce a nossa unidade de classe.

A classe operária demonstra, dia a dia, ser já uma força poderosa. Vimos que as fábricas abandonadas foram recuperadas e postas a funcionar pelos seus operários. Os operários constroem peças para pôr máquinas paralisadas a funcionar. Engajam-se com decisão no aumento da produção e da produtividade.

À classe operária cabe o papel histórico de ser a força de vanguarda que liquida os fundamentos da exploração. Como já dissemos no 1.º de Maio de 1978, é a classe operária que obriga o capitalismo a encostar o pescoço ao cepo.

É necessário que a classe operária cresça e se fortaleça continuamente. É preciso que cresça no trabalho colectivo, que se fortaleça na produção colectiva e organizada.

Da construção da nossa base industrial nascerá uma classe operária mais forte e organizada. Educada pelo Partido, educada na história e na prática da nossa luta, educada nos princípios do marxismo-leninismo, a classe operária moçambicana assumirá decisivamente o seu papel dirigente. Ela assegurará o desenvolvimento socialista do nosso País.

A classe operária é a principal fonte de quadros para o Partido e para o Estado. São os melhores trabalhadores, os mais conscientes e dedicados, que ingressam nas fileiras do Partido. São esses trabalhadores que serão chamados a funções dirigentes no Partido e no Estado.

Para isso, é preciso reforçar a organização da classe operária.

Neste sentido, já demos passos importantes e os sucessos conquistados foram possíveis porque, sob a direcção do Partido, enquadrada nos Conselhos de Produção, a classe operária desencadeou vitoriosamente a luta pelo aumento da produção e da produtividade, a luta contra a desorganização, a preguiça, a falta de pontualidade, a luta pela planificação e pelo controlo da produção, a luta contra a ignorância, pelo domínio do conhecimento técnico e científico, a luta contra a sabotagem, a corrupção e o suborno.

Neste processo, a classe operária moçambicana elevou extraordinariamente o seu nível de consciência política, de unidade de classe, de organização e de disciplina. Ela tomou consciência do seu papel decisivo na Revolução.

ORIENTAÇÕES PARA OS CONSELHOS DE PRODUÇÃO

Nesta fase, importa traçar orientações para o desenvolvimento da acção dos Conselhos de Produção.

Os Conselhos de Produção transformaram-se já numa força considerável de enquadramento dos trabalhadores. Eles são já uma grande escola revolucionária, são um viveiro de quadros para o Partido e o Estado, são uma fonte inesgotável de energia criadora.

Os Conselhos de Produção constituem uma grande conquista dos trabalhadores moçambicanos e, em particular, da classe operária.

Para que possam desenvolver mais a sua acção, é necessário elevar o nível da sua organização, dotá-los de estruturas mais operativas.

Assim, o Partido FRELIMO dá as seguintes tarefas aos Conselhos de Produção:

- Implementar a linha do Partido, fazê-la viver em cada trabalhador;

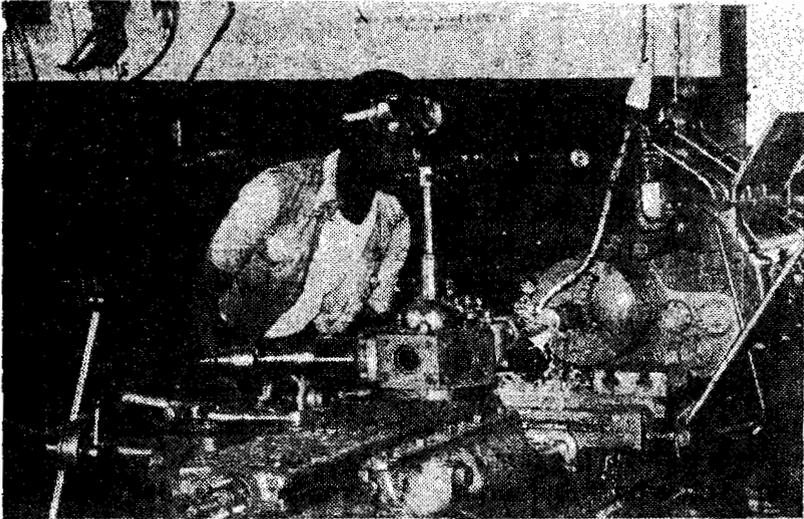
- Promover a elevação contínua da consciência e da unidade de classe dos trabalhadores ;
- Assegurar, no quadro da emulação socialista, a realização dos planos estatais e a participação activa e dinâmica de todos os trabalhadores na sua elaboração ;
- Organizar o trabalho voluntário ;
- Promover a iniciativa criadora dos trabalhadores ;
- Elevar constantemente o nível de disciplina dos trabalhadores ;
- Organizar a troca de experiências entre operários e os camponeses ; os operários devem transmitir as suas experiências ao campesinato e dele aprender também nas cooperativas, nas aldeias comunais, nas machambas estatais, materializando a aliança operário-camponesa ;
- Participar activamente na elevação do bem-estar social, material e espiritual do Povo ;
- Praticar o internacionalismo proletário.

Os Conselhos de Produção devem avançar na sua estruturação por ramos de actividade. Neste contexto, os trabalhadores estarão organizados pelos grandes sectores de actividade. Todos os trabalhadores das empresas metalomecânicas, por exemplo, estarão organizados no mesmo ramo ; o mesmo em relação aos trabalhadores das empresas têxteis, da indústria química e de todos os outros ramos. Assim, os dactilógrafos não estarão separados do trabalhador do tear de fiação, o engenheiro químico não estará separado do contínuo, o operário de descasque da castanha de caju não estará separado do escriturário. Liquidaremos a distinção elitista entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. Liquidaremos definitivamente o tipo de organização sindical fascista de base puramente profissional, que dividia os trabalhadores.

Simultaneamente, os Conselhos de Produção devem avançar na criação das suas estruturas nacionais e regionais.

Para isto, a Direcção do Partido FRELIMO decidiu:

- Extinguir, a partir de hoje, os sindicatos coloniais e transferir o seu património para os Conselhos de Produção;
- Encarregar os Conselhos de Produção de elaborar, até ao fim deste ano, uma proposta dos seus Estatutos Orgânicos, a apresentar à apreciação e decisão do Partido.



No seu discurso do 1.º de Maio de 1979, o Camarada Presidente Samora Moisés Machel salientou o papel dirigente que cabe à classe operária na construção da nova sociedade

Na organização da emulação socialista, os Conselhos de Produção devem atribuir prémios materiais e morais aos melhores trabalhadores, aos mais dedicados na produção, aos mais disciplinados. Assim, as casas que construímos devem ser, em primeiro lugar, para esses trabalhadores. Devem ser eles a beneficiar de empréstimos bancários para construção de casas. Devem ser eles os primeiros a beneficiar dos campos

de férias que vamos construir em Moçambique e dos programas de férias que forem organizados em cooperação com outras organizações sindicais do Mundo, particularmente dos países socialistas. Devem ser eles os seleccionados para programas especiais de estudo, de elevação dos conhecimentos técnicos e científicos, no nosso País e no exterior. Finalmente, os melhores trabalhadores serão condecorados com medalhas de Heróis do Trabalho e as suas fotografias colocadas no quadro de honra no local de trabalho.

Implementar estas decisões do Partido significa consolidar as nossas vitórias, significa caminhar em passos mais seguros na construção do socialismo, significa fortalecer o poder da aliança operário-camponesa na República Popular de Moçambique.

A ACÇÃO DO INIMIGO

Onde há Revolução, há sempre reacção. As medidas que acabamos de anunciar contribuem para o avanço da Revolução. Por isso, o inimigo vai reagir contra elas, procurando denegri-las, sabotá-las e, finalmente, destruí-las.

O imperialismo, que vive do sangue e do suor dos povos, continuará a escolher-nos como alvo das suas acções criminosas. Os seus instrumentos são o regime racista de Ian Smith, os PIDEs, os Comandos, os GEs, os GEPs, os traidores e desertores da FRELIMO, bandidos, marginais, os elementos ambiciosos e corruptos, os mercenários e outros criminosos.

O imperialismo escolheu-nos como alvo e ataca-nos porque somos realmente livres e independentes, porque teme o Poder Popular, porque tem medo das conquistas do nosso Povo, porque não pode mais explorar-nos, porque estamos a enterar o capitalismo em Moçambique, porque estamos a construir o socialismo, o bem-estar, a justiça social, a prosperidade, a paz e o progresso no nosso País; ele ataca-nos porque estamos a liquidar a fome, a nudez, a miséria, a ignorância. Ataca-nos porque somos e continuaremos a ser uma base segura da luta de libertação dos povos oprimidos.

O inimigo ataca as nossas aldeias comunais e cooperativas, para massacrar os camponeses organizados, para destruir o produto do seu trabalho, para impedir que liquidemos a fome, a nudez e a ignorância, para vivermos dispersos e não podermos, assim, consolidar a nossa unidade.

Ataca as nossas vias de comunicação e destrói linhas férreas, comboios, machimbombos, camiões, pontes, estradas, para impedir que o produto do trabalho dos camponeses seja escoado, para impedir que os camponeses sejam abastecidos, para travar o desenvolvimento da nossa economia, para impedir o fortalecimento da aliança operário-camponesa.

Ataca as nossas fábricas, lança acções de sabotagem, destrói máquinas e matérias-primas, e infiltra agentes no seio dos trabalhadores, para travar o aumento da nossa produção e produtividade, para impedir o nosso progresso, para desorganizar a classe operária, para nos colocar na dependência total do imperialismo.

Ataca as nossas cidades, lança o terrorismo, coloca bombas em lugares públicos, promove a criminalidade e o banditismo para criar o pânico e instabilidade social, para impedir que o nosso Povo tenha uma vida de paz e segurança.

O imperialismo ataca os cooperantes internacionalistas que trabalham no nosso País, para minar a solidariedade militante para com o Povo moçambicano.

O imperialismo lança campanhas de boatos e calúnias infames para sabotar o prestígio internacional do nosso Partido e da República Popular de Moçambique.

O objectivo final do imperialismo é conseguir voltar a explorar a nossa força de trabalho, é conseguir voltar a dominar e oprimir o nosso Povo, é conseguir que voltemos a ser escravos. O seu objectivo é forçar-nos a capitular, é obrigar-nos a deixar de ser uma base segura da solidariedade internacionalista.

A RELIGIÃO COMO INSTRUMENTO DE SUBVERSÃO

De entre os instrumentos de que o imperialismo se serve contra nós, tem-se destacado a religião, particularmente a igreja católica. Esta assume o papel de destacamento operacional de subversão política e ideológica no nosso País.

Este facto testemunha a continuidade da acção que a igreja católica teve durante o colonialismo. Ela estava, então, do lado do colonialismo português, fazia parte da própria estrutura de dominação colonial-fascista, tinha funções específicas no processo de repressão e de exploração do nosso Povo.

No seio da própria igreja católica, como em toda a sociedade colonial, vigorava o desprezo pelo Povo moçambicano, praticava-se o racismo, no melhor dos casos disfarçado de paternalismo hipócrita. Os próprios padres moçambicanos eram objecto de humilhação e discriminação no seio da sua igreja.

Foi necessário que a FRELIMO derrotasse o colonialismo português para que, apressadamente, a igreja católica comesasse a promover padres pretos a bispos. Estes, no entanto, depois de algumas declarações favoráveis à independência, quando ainda pensavam que a FRELIMO iria manter os privilégios que o colonialismo lhes atribuía, passaram a atacar e caluniar directamente, e de maneira vil, o povo moçambicano e a FRELIMO, tornando-se agentes do inimigo.

Durante o colonialismo, nenhum deles foi capaz de erguer a sua voz contra a opressão e a exploração a que o nosso Povo estava submetido. Acólitos menores da hierarquia oficial da igreja, acompanhavam-na fielmente e servilmente quando esta condenava a luta de libertação nacional, quando esta considerava a independência como uma heresia. Mesmo quando alguns padres estrangeiros se manifestaram contra os crimes do colonialismo, mesmo quando um bispo português foi publicamente vexado e preso pela PIDE por ter denunciado alguns dos aspectos mais degradantes do colonia-

lismo, eles, moçambicanos, mantiveram-se fiéis ao dominador estrangeiro.

Agora que somos independentes, constatamos que a sua acção continua a identificar-se com a acção do inimigo. Constatamos que as suas afirmações correspondem à propaganda do inimigo. Verificamos que quem veicula as suas afirmações são precisamente os órgãos de informação das forças mais reaccionárias, dos saudosistas do colonialismo, como a «Voz da Quizumba», os jornais portugueses «O Retornado», «A Rua», «O Diabo», o jornal «O Século» de Johannesburg, e outros. Isto manifesta claramente o carácter antipatriótico e o papel de instrumento de subversão política e ideológica que tem a igreja católica em Moçambique.

A sua acção significa que recusam a libertação, significa que não têm personalidade de moçambicanos, que desprezam as conquistas mais sagradas do nosso Povo. Eles são antipatriotas, eles procuram subverter o Povo contra o socialismo, procuram, finalmente, a confrontação com o nosso Partido. Mas nós temos a força porque temos o povo connosco.

CONTINUAREMOS A PUNIR OS AGENTES DO INIMIGO

A nossa luta contra o imperialismo, contra o capitalismo, é uma luta de vida ou de morte.

Aqui na Praça da Independência, no dia 27 de Janeiro deste ano, os trabalhadores moçambicanos organizados exigiram o mais severo castigo contra os agentes do inimigo. O Conselho de Ministros examinou essa exigência. A Comissão Permanente da Assembleia Popular estudou e aprovou a Lei dos Crimes Contra a Segurança do Povo e do Estado Popular, porque a exigência feita era uma exigência justa, uma exigência necessária, uma exigência popular e revolucionária.

Não podemos ter contemplos para com os nossos inimigos de classe, para com os agentes do inimigo, os mercenários, os traidores, os criminosos que massacram o nosso Povo, os sabotadores, os renegados.

Hoje, as classes trabalhadoras moçambicanas possuem e utilizam a Lei dos Crimes Contra a Segurança do Povo e do Estado Popular. Para materializar esta Lei, e até que esteja completada a estruturação dos Tribunais Populares, a Comissão Permanente da Assembleia Popular criou o Tribunal Militar Revolucionário. Estes são instrumentos da justiça popular, instrumentos do poder das classes trabalhadoras moçambicanas para punir severamente as acções criminosas dos agentes do inimigo.

Se o inimigo produzir mais agentes, mais Cotóis, mais Conjanes, mais Armandos Jambos, mais Nunes da Silva, nós puni-los-emos. Não importa donde venham esses criminosos, não importa o seu país de origem, a sua cor, a sua raça ou a sua nacionalidade. Para com os criminosos que atacam e massacram o nosso Povo não teremos hesitações nem contemplações. Serão levados ao Tribunal Militar Revolucionário, serão punidos com todo o rigor da justiça popular.

Para defender o nosso Povo, para defender a nossa integridade, para defender a nossa unidade nacional, para defender a nossa economia, para defender a nossa Revolução, para que o socialismo triunfe em Moçambique, liquidaremos implacavelmente os nossos inimigos.

DEVEMOS REFORÇAR E AMPLIAR A VIGILÂNCIA POPULAR

No combate à acção do inimigo devemos reforçar a nossa organização. É necessário que intensifiquemos a vigilância popular em todos os sectores: nas aldeias comunais e nas cooperativas, nos armazéns e nas Lojas do Povo, nas fábricas e machambas estatais, nos Portos e Caminhos de Ferro, nos serviços públicos e nos transportes, nas escolas, nos bairros, nos hospitais, nos prédios e casas onde vivemos, nos recintos públicos.

A vigilância popular é uma das formas mais importantes e necessárias do exercício do poder popular.

Esta realidade tem sido assumida pelo nosso Povo que tem desenvolvido justas iniciativas neste campo, como, por exemplo, a exigência de cartão de vacina às pessoas que utilizam os mercados e os transportes públicos.



As Milícias Populares e os Grupos de Vigilância, presentes também nas comemorações do 1.º de Maio, constituem a muralha contra a qual se esmagam as tentativas inimigas de desestabilizar o nosso País

A vigilância popular deve ampliar-se. Ela deve exercer-se também contra a infiltração das formas mais subtis e insidiosas da ideologia e dos modelos culturais do imperialismo.

Algumas dessas formas podem parecer bastante inofensivas e sem significado. Mas, o que é que pode levar a que homens e mulheres desfrizem o seu cabelo, a não ser um complexo de inferioridade inculcado pela ideologia imperialista e racista? As pessoas que fazem isso assumiram a tal ponto os valores corruptos do racismo inerente à ideologia imperia-

lista que sentem vergonha de si próprias, envergonham-se das características da sua raça e procuram escondê-las.

No nosso País, lutamos pela emancipação da mulher. Devemos, por isso, combater firmemente tudo quanto se oponha à sua emancipação. Uma das formas mais subtis que a ideologia burguesa usa para combater a emancipação da mulher é subverter o verdadeiro conteúdo da emancipação, confundir os seus valores e objectivos. Assim, apresenta como um modelo de mulher emancipada aquela que utiliza o corpo como montra de corrupção. De acordo com este padrão, a prostituta seria a mais emancipada das mulheres.

Constatamos nas nossas cidades a infiltração destes valores da ideologia burguesa, que procura corromper particularmente a nossa juventude. Um exemplo é o uso, por parte de algumas mulheres, particularmente jovens, de saias com rachas e de calças extremamente apertadas. É assim que começam a aprender a utilizar o corpo como montra.

Se não lutarmos contra esta infiltração dos valores burgueses, nós que acabámos com a Rua Araújo, teremos amanhã todas as ruas das nossas cidades transformadas em novas ruas Araújo.

A afirmação da juventude, da sua força, do seu potencial revolucionário, faz-se pelo engajamento no processo de transformação da sociedade, pelo assumir dos valores do Homem Novo. Nas sociedades capitalistas, para contrariar ideologicamente o ascenso duma juventude consciente, ligada às classes trabalhadoras e assumindo os valores do proletariado, promoveu-se o modelo do jovem «rebelde», que assumia a sua rebeldia pela marginalização, por um comportamento anárquico, e por formas não convencionais de vestir ou de usar o cabelo. Os meios de propaganda do imperialismo, recuperando a favor da burguesia os aspectos externos e superficiais de certos movimentos juvenis de contestação idealista do sistema capitalista, como o dos «hippies», transformaram esses aspectos em modelos e promovem-nos como formas de aliciamiento e alienação da juventude.

Encontramos também esta forma de infiltração da ideologia burguesa e imperialista nas nossas cidades. Jovens deli-

beradamente sujos, de grandes cabeleiras e barbas desgrenhadas, com uma linguagem importada, com comportamentos imitados de certo cinema norte-americano, desprezando a nossa cultura e vivendo mentalmente fora da nossa realidade, surgem nas nossas cidades como manifestação de infiltração da ideologia burguesa.

A vigilância popular deve exercer-se contra esta influência ideológica do inimigo, atacando já as suas manifestações exteriores, ao mesmo tempo que se desenvolve o trabalho político para corrigir as ideias e os hábitos errados. Isto significa que, como medida imediata contra a proliferação dos comportamentos estranhos à nossa sociedade e aos nossos valores, as massas populares organizadas devem impor que acabem no nosso País os cabelos desfrizados, as perucas, as calças apertadas, as saias de racha exagerada.

Trata-se de defendermos a nossa cultura, ponto central da nossa Revolução. Trata-se de defender a nossa personalidade. Por isso este combate é tarefa imperiosa para garantirmos o triunfo da Revolução.

A vigilância popular é tarefa de todos nós. Para a reforçar é necessário que consolidemos a unidade dos trabalhadores e das Forças de Defesa e Segurança. Devemos organizar mais e melhor a sua acção conjunta na detecção e captura dos agentes do imperialismo.

O inimigo há-de quebrar os seus dentes venenosos contra a muralha de ferro do Povo organizado, contra a vigilância popular, contra a justa violência revolucionária, contra o internacionalismo militante do nosso Povo.

CONTINUAREMOS A APOIAR A LUTA DOS POVOS DO ZIMBABWE, DA NAMÍBIA E DA ÁFRICA DO SUL

É esse internacionalismo consciente que o nosso Povo continua a praticar para com os povos oprimidos, particularmente os da África Austral. Nesta região do nosso continente,

a luta agudiza-se cada vez mais, à medida que se aproxima o fim dos regimes coloniais e racistas.

O Povo do Zimbabwe, povo oprimido e explorado pelo imperialismo através do regime do colono inglês Ian Smith, é violentado nos seus mais justos e legítimos direitos — a liberdade e a independência — pela farsa eleitoral recentemente realizada. Através dela, o regime colonial procura mudar a cor da sua pele, juntando alguns traidores pretos para servirem de máscara à realidade brutal e desumana do regime.

Com esta farsa, Smith passou de camaleão branco a camaleão preto — mas não deixou de ser camaleão.

As chamadas eleições pretendiam enganar o Povo do Zimbabwe, mas este não se deixou iludir e prossegue a luta de libertação nacional que porá fim ao domínio dos colonialistas e à traição dos fantoches.

O Povo moçambicano continuará a apoiar a justa luta do Povo do Zimbabwe dirigido pela Frente Patriótica, até à vitória final. A luta do Povo do Zimbabwe é a nossa luta. A vitória do Povo do Zimbabwe será a nossa vitória.

Uma outra farsa eleitoral foi levada a cabo na Namíbia. Aí, a potência colonial, a África do Sul, utiliza também fantoches locais para procurar disfarçar a natureza da dominação e fabricou eleições para iludir o Povo e a comunidade internacional e marginalizar o movimento de libertação. Simultaneamente, continua a utilizar a Namíbia como uma base para as suas agressões contra a República Popular de Angola.

Na África do Sul cresce a todo o momento a luta do Povo contra o regime do «apartheid», o regime mais retrógrado e desumano. A brutalidade repressiva do governo e das forças militares e policiais da África do Sul é impotente para conter o avanço da luta.

O Povo moçambicano apoia a luta do Povo namíbio, dirigido pela SWAPO, e a luta do Povo da África do Sul, dirigido pelo ANC. Sem a libertação total da África das garras do colonialismo, do racismo e do «apartheid» não poderemos ser totalmente independentes.

SOLIDARIEDADE

O 1.º de Maio, Dia Internacional dos Trabalhadores é uma grande jornada de solidariedade, traduz a luta comum dos trabalhadores de todo o mundo contra a exploração, alicerça a aspiração comum dos trabalhadores de todo o mundo a viver em paz, justiça e prosperidade, mostra que os problemas das classes trabalhadoras de um país são sentidos profundamente pelas classes trabalhadoras dos outros países.

Vivemos essa realidade traduzida no desfile que acabámos de ver em que participaram os internacionalistas que aqui trabalham ao lado do nosso povo nos diversos sectores de actividade. A sua presença, o seu desfile ao nosso lado, trouxe ao nosso 1.º de Maio o grande calor da solidariedade internacional, constituiu um momento de grande emoção para todos nós.

Sentimos esta solidariedade durante os duros anos da guerra popular de libertação. Hoje, continuamos a sentir a solidariedade internacional, recebemos a simpatia e o apoio moral e material de trabalhadores do mundo inteiro.

Também no próprio seio das classes trabalhadoras moçambicanas se fortalece este elevado espírito de solidariedade. As cheias do Zambeze e as cheias de Gaza foram sentidas pelos trabalhadores em Maputo, Manica, Niassa, Nampula, de todas as províncias do nosso País. A depressão *Angele* foi sentida pelos trabalhadores em Cabo Delgado, Gaza, Inhambane, Tete, Zambézia, Sofala, de todas as nossas províncias.

Quando uma província é atingida por uma calamidade natural, surge a solidariedade entre os trabalhadores, solidariedade que se traduz pelo apoio às vítimas em dinheiro, em roupas, em comida. Do pouco que cada um pode dar forma-se a grande contribuição de todos, o calor fraternal da solidariedade.

A nossa unidade e a solidariedade internacional materializam-se na contribuição para o reforço da capacidade defensiva do nosso País. Desde Julho de 1977 até Maio de 1979, essa contribuição ascendeu a mais de trinta e cinco mil contos.

Destacamos pelo seu grande significado a contribuição da Organização da Unidade Africana, no valor de dezasseis mil e quinhentos contos.

Assumindo a dimensão da nossa Revolução, compreendendo as nossas dificuldades como se fossem suas, revelando o seu alto espírito internacionalista, cooperantes tanzanianos, guineenses, chilenos, cubanos, coreanos, ingleses, portugueses, suecos, brasileiros, italianos, participaram também no reforço da nossa capacidade defensiva com uma contribuição que soma mais de dois mil contos.



A presença entusiástica de militantes internacionalistas nas comemorações do 1.º de Maio, em Maputo, e noutras cidades, traduziu a solidariedade internacional para com a nossa luta pela edificação do socialismo

Os países socialistas souberam conceder-nos o seu apoio moral e material de valor inestimável, quando fomos atingidos por calamidades naturais. Forneceram-nos ajuda militar para reforçarmos a nossa capacidade defensiva.

Através da Fundação Moñdlane, do Angola Comité e de outras organizações de amizade holandesas, também recebemos o calor da solidariedade do Povo da Holanda. Nas suas

contribuições para o reforço da nossa capacidade defensiva, enviaram-nos géneros alimentícios, vestuário, calçado, no valor de três mil e quinhentos contos.

Do Rovuma ao Maputo, os trabalhadores das empresas, das cooperativas, das fábricas, das machambas estatais, os trabalhadores da função pública, os trabalhadores do ensino, da saúde, de todos os sectores, continuam a assumir o Banco de Solidariedade como fonte inspiradora da nossa unidade e solidariedade, contribuindo voluntariamente e com elevado sentimento patriótico e internacionalista, em dinheiro e géneros alimentícios.

Durante o ano de 1978, as contribuições para o Banco de Solidariedade atingiram mais de cento e trinta mil contos.

À Província de Maputo foram concedidos dez mil contos. Igual soma foi concedida à Província de Cabo Delgado. Trezentos contos foram destinados à localidade de Chiúre, em Cabo Delgado. Aos fundos do Comité Mundial Anti-apartheid contribuímos com cerca de trezentos e cinquenta contos, nossa contribuição trimestral. À FRETILIN destinámos dois mil contos. Está em estudo um vasto projecto de apoio e solidariedade às populações moçambicanas mais desfavorecidas, no valor de cerca de quarenta mil contos.

Contribuir para o Banco de Solidariedade significa fortalecer a nossa unidade nacional, o nosso espírito internacionalista.

O 1.º de Maio, é um dia de festa, de solidariedade, de luta.

É um dia em que na alegria, na exaltação das nossas conquistas, solidificamos a nossa unidade nacional, a unidade dos trabalhadores. É um dia de reflexão sobre as nossas vitórias, sobre as nossas insuficiências, sobre a marcha que temos à nossa frente. Neste dia, denunciámos energicamente o carácter cada vez mais odioso do inimigo comum dos povos, o imperialismo, e sublinhámos a nossa determinação de o combatermos implacavelmente.

No 1.º de Maio reafirmámos a decisão de caminhar lado a lado com os povos oprimidos, de reforçarmos a nossa unidade com os países socialistas, rectaguarda segura da luta anti-imperialista.

Assim, façamos neste 1.º de Maio com que as classes trabalhadoras, unidas e organizadas pelo Partido FRELIMO, se engajem ainda com mais firmeza e determinação na edificação da Pátria Socialista Moçambicana.

A LUTA CONTINUA !

Tiragem: 5000 exemplares
Registado no INLD sob o
n.º 061/INLD/79
Composto e impresso na
Imprensa Nacional — Maputo
R. Popular de Moçambique
Julho de 1979

1979 ANO DE CONSOLIDAÇÃO DAS NOSSAS CONQUISTAS